UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E ASSUNTOS ESTUDANTIS
MODA

Fernanda de Souza Barbosa

ESTUDO COMPARADO ENTRE O TECIDO ADIRE NOS TRAJES TRADICIONAIS AFRICANOS E NA MODA CONTEMPORÂNEA

Sorocaba/SP
2023

Fernanda de Souza Barbosa

ESTUDO COMPARADO ENTRE O TECIDO ADIRE NOS TRAJES TRADICIONAIS AFRICANOS E NA MODA CONTEMPORÂNEA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do Diploma de Graduação em Moda, da Universidade de Sorocaba.

Orientação: Prof. Me. José Ferreira da Silva Neto
Mentoria: Profa. Me. Aymê Okasaki.

Sorocaba/SP

2023

RESUMO

O Adire é uma técnica de tingimento com padrões criativos, que tem origem Iorubá, o qual tradicionalmente é tingido de índigo. O tecido Adire serve como linguagem visual para muitas comunidades da África Ocidental. Seu modo de produção foi ganhando alterações durante os anos e se moldando á uma nova realidade. O seguinte trabalho buscou fazer uma comparação aos trajes tradicionais Adire ao contemporâneo, estudando sua origem de produção e introduzindo seus métodos de produção hoje, para assim responder a problemática do trabalho que levanta a questão sobre o tecido Adire ainda ser um produto de grande produção como antes, mesmo que sua forma tradicional demande um processo lento, e dispor como grandes designers tem trabalhado esse tingimento. O estudo analisou que, mesmo com suas mudanças de produzir para uma forma mais rápida do que o tecido tradicional, utilizando corantes sintéticos, estênceis, e outras alternativas, ele não deixou de ser um tecido culturalmente valioso, o qual além de servir como um meio de comunicação, ainda hoje é muito ensinado e movimentado pelo comércio Nigeriano. Com essa pesquisa será desenvolvida uma coleção de moda contemporânea confeccionada inteiramente com tecidos Adire produzidos pela própria designer .

Palavras-chave: Tingimento Têxtil; Têxtil Africano; Adire; Indigo; Iorubá.

ABSTRACT

Adire is a dyeing technique with creative patterns, which has Yoruba origin, which is traditionally dyed indigo. Adire fabric serves as a visual language for many West African communities. Its mode of production has been gaining changes over the years and molding itself to a new reality. The following work sought to make a comparison of the traditional Adire costumes to the contemporary, studying their origin of production and introducing their production methods today, in order to answer the problematic of the work that raises the question about the Adire fabric still being a product of great production as before, even if its traditional form demands a slow process, and dispose as great designers have worked this dyeing. The study analyzed that even with its changes from producing to a faster form than traditional fabric, using synthetic dyes, stencils, and other alternatives, Adire has not ceased to be a culturally valuable fabric, which in addition to serving as a means of communication, is still today much taught and moved by the Nigerian trade. With this research will be developed a contemporary fashion collection made entirely with Adire fabrics produced by the designer herself.

Keywords: Textile Dyeing; African Textile; Adire; Indigo; Yorùbá.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Adire Alabere..... 07
Imagem 2 – Adire Eleko antes do tingimento.....08
Imagem 3 – Adire Eleko..... 08
Imagem 4 – Adire Oniko..... 09
Imagem 5 - Tecido Etu..... 09
Imagem 6 – Painel de Público Alvo.....;..... 15
Imagem 7 – Logo da marca.....15
Imagem 8 – Embalagem e Papelaria.....16
Imagem 9 – Instagram.....16
Imagem 10 – Painel de Influencers.....17
Imagem 11 – Painel de Inspiração.....18
Imagem 12 – Cartela de cores.....18
Imagem 13 – Painel de tendências.....19
Imagem 14 – Cartela de matérias testes 20
Imagem 15 – Cartela de Aviamentos.....20
Imagem 16 – Cartela de Superfície.....21
Imagem 17 – Mix de Produtos.....21
Imagem 18 – Precificação.....22
Imagem 19 – Alabere 1.....22
Imagem 20 – Alabere 2.....23
Imagem 21 – Alabere 3.....23
Imagem 22 – Alabere 4.....24
Imagem 23 – Alabere 5.....24
Imagem 24 – Alabere 6.....25
Imagem 25 – Alabere 7.....25
Imagem 26 – Alabere 8.....26
Imagem 27 – Oniko 1.....26
Imagem 28 – Oniko 2.....27
Imagem 29 – Oniko 3.....27
Imagem 30 – Oniko 4.....28

Imagem 31 – Oniko 5.....28
Imagem 32 – Eleko 1.....29
Imagem 33 – Eleko 2.....29
Imagem 34 – Eleko 3.....30
Imagem 35 – Eleko 4.....30
Imagem 36 – Eleko 5.....31
Imagem 37 – Eleko 6.....31
Imagem 38 – Eleko 7.....32
Imagem 39 – Plano Geral da Coleção.....32
Imagem 40 – Fotos Look 1.....33
Imagem 41 – Fotos Look 2.....33
Imagem 42 – Fotos Look 3.....34
Imagem 43 – Fotos Look 4.....34
Imagem 44 – Fotos Look 5.....35
Imagem 45 – Look 1 Editorial.....35
Imagem 46 – Look 2 Editorial.....36
Imagem 47 – Look 3 Editorial.....36
Imagem 48 – Look 4 Editorial.....37
Imagem 49 – Look 5 Editorial.....37
Imagem 50 – Painel de Beleza.....39
Imagem 51 – Painel de Acessórios 39

SUMÁRIO

1 Introdução 1
1.1 Problema 1
1.2 Hipótese 2
1.3 Objetivo Geral 2
1.4 Justificativa 2
1.5 Metodologia 3
2 Origem, tradição e aplicação do adire 3
2.1 Origem e tradição do Adire 3
2.1.1 Alabere 6
2.1.2 Eleko 7
2.1.3 Oniko 8
3 Padrões tradicionais no tingimento 10
3.1 Pontos 10
3.2 Linhas 10
3.3 Figuras 11
4 A produção De adire atualmente 12
5 Designers de moda contemporânea 14
5.1 Adeju Thompson 14
5.2 Rukky Ladoja 14
5.3 Éki Kéré 15
6 DESENVOLVIMENTO DA COLEÇÃO 15
6.1 Público Alvo 15
6.2 A marca 16
6.3 Painel de Inspiração e Paleta de Cores 18
6.4 Painel de tendências 19
6.5 Matérias Primas, Cartela de Aviamentos e Cartela de superfície 20
6.6 Mix de produtos 22
6.7 Coleção 23
6.8 Lookbook 34
6.9 Editorial 36
6.10 Painel de Beleza e Acessórios 39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 40

1 INTRODUÇÃO

O Adire é uma técnica de tingimento com padrões criativos surgido na África Ocidental. A etimologia da palavra tem origem Iorubá, ‘*adi*’ que significa amarrar e ‘*re*’ que significa tingir. A Nigéria é um país rico de cultura, cuja tradição de tingimento índigo vem de seu povo Iorubá. Os tecidos Adires podem ser religiosos, fazendo com que os povos Iorubás carreguem muitas crenças em suas vestimentas. Seus tingimentos em Adire representam muito bem isso. Embora não haja o que determine sua data de origem, no livro *Peju Layiwola`s Indigo reimagined* (OLOKO, 2021) é falado sobre o tingimento Indigo ser uma prática muito antiga na África Ocidental: acredita-se que é praticado antes mesmo do século XVI.

A técnica é uma estamparia por reserva utilizando pigmento natural em índigo. Existem três métodos para tingir os Adires: o Adire *Alabere,* que consiste em fazer costuras pelo tecido que possam ser desfeitas após o tingimento. O *Oniko,* que é feito através de amarrações feitas com fio de ráfia ou linha de algodão, que retiradas podem formar padrões únicos assim como os de costuras. E o terceiro método é o *Eleko*, que para o povo Iorubá, segundo John Gillow (2001) costuma-se ser desenhos passados de mãe para filha. É usado uma pasta de amido (*lafun*) pressionada no tecido para vedar um dos lados do têxtil, aplicada a mão livre ou com estênceis. Após a pasta secar, é realizado o processo de tingimento. Nesse sentido, este trabalho apresenta um estudo comparado entre o tecido Adire nos trajes tradicionais africanos e na moda contemporânea, em aplicação à uma coleção de moda.

1.1 Problema

Visto que hoje em dia as pessoas buscam por alternativas mais rápidas quando o assunto é vender um produto e que o Adire tem um processo lento, surge a problemática que norteará este trabalho: se a criação desse tecido diminuiu onde antes eram grandes meios de produção, e quais mudanças ocorreram na forma de produzir esse tingimento.

1.2 Hipótese

Sendo uma técnica que demande muito tempo em seu processo, o meio de produção tradicional deve ter sido reduzido, e com o passar do tempo alguns materiais e técnicas de produção também podem ter obtido mudanças, por exemplo, antigamente para a confecção do Adire *Alabere* era usado tecidos feito à mão por mulheres, mas foi-se aderindo a camisas vindo de fábricas ou chitas importadas para o tingimento.

1.3 Objetivo Geral

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a origem cultural do Adire em suas três versões (*Alabere, Eleko e Oniko), r*esgatando a forma tradicional de produção e aplicação à moda, para que seja desenvolvida uma coleção de moda contemporânea, confeccionada inteiramente com tecidos Adire.

Para tanto, os objetivos específicos são:

- Pesquisar a origem e tradição do Adire, Alabere, Eleko e Oniko.
- Conhecer sobre os padrões tradicionais no tingimento.
- Pesquisar sobre a produção atual de Adire.
- Entender como os designers de moda contemporânea aplicam e trabalham as produções de tecido Adire em sua originalidade.

1.4 Justificativa

Realizar esse trabalho será importante no intuito de poder compartilhar sobre essa técnica as pessoas que não conhecem, e mostrar as mudanças que obteve durante os anos. Além de que, mais da metade da população brasileira são afrodescendentes, então é importante que seja estudada essa produção que é tão tradicional e cultural dos povos Africanos.

Resgatar isso e trazer para uma coleção de moda poderá alcançar outras pessoas que tenham interesse em trabalhar com o tingimento Adire, estendendo sua história cultural.

1.5 Metodologia

O trabalho se desenvolverá em duas etapas. A primeira, será apresentado a pesquisa feita através de trabalhos acadêmicas e livros especializados sobre a estamparia Adire e sua linguagem visual. Todos os livros mencionados durante o trabalho foram essenciais para seu desenvolvimento, além de artigos lidos pela internet, como a pesquisa de Margaret Areo e Razaq Kalilu, que aborda a semiótica dos padrões Adire. Todos os autores citados contribuíram para que fosse esclarecido a origem e produção atual do tingimento indígena. A segunda etapa começará sendo a preparação dos tecidos para desenvolver a coleção de moda e criação da marca.

2 ORIGEM, TRADIÇÃO E APLICAÇÃO DO ADIRE

2.1 Origem e tradição do Adire

A origem do Adire é desconhecida, mas acredita-se que a técnica começou a ser praticada no início da cultura de povos do sudoeste da Nigéria. Patrick Oloko cita que em Abeokuta (Ogum, Nigéria), as técnicas de tingimento Adire utilizando ráfia e estênceis datam pelo menos no ano de 1830 (OLOKO, 2021).

No trabalho de Areo e Kalilu (2013) sobre a origem e semiótica visual do Adire, são apontados pesquisadores como Polakoff (1982), que acreditam que a técnica provavelmente surgiu a partir de pequenos acidentes, séculos atrás, podendo ser que tecidos estivessem torcidos no processo de tingimento ou crianças brincando que amarravam pequenos objetos no tecido e que só se percebia após o banho de tinta, e que foram evoluindo ao perceberem o efeito no tecido. Entretanto, é concluído que o contexto real da origem deve ser buscada pelo início dos

tingimentos índigo produzidos pelas mulheres Iorubá que criavam esse tecido a mão no tear, há mais de um século.

Como já exposto, o tingimento com Indigo é um processo muito antigo, datado por volta do século XVI. Porém é possível que até antes já era produzido esse pigmento pois, viajantes portugueses na África Ocidental em 1445, relatam observarem pessoas utilizando tecidos azuis escuros (OLOKO, 2021).

Pelas costas da África Ocidental é encontrada uma variedade de plantas que são usadas para extrair o pigmento índigo, como *Isatis Tinctoria*, *Indigofera Tinctoria*, *Indogofera Arrecta, Polygonum Tinctoria*, e *Lonchocarpus Cyarescens.* Algumas plantas podem ser plantadas, cuidadas e semeadas, outras são colhidas em florestas e matos. A *Lonchocarpus* pode ser conhecida como *Yorùbá Índigo* e é encontrada em árvores das Savanas em florestas tropicais, é a favorita pelos tintureiros por conseguir ser o corante mais permanente. A *Indogofera Arrecta* é mais conhecida como planta *Gala* ou *Gara*, é colhida por tintureiros que habitam pelas margens dos rios Senegal e Níger, e por conta das rotas das caravanas no período pré-industrial foi sendo introduzido variantes como a *Indigofera Tinctoria,* que tem sua origem da Índia mas pode ser encontrada no Egito e Norte da África (LEGRAND, 2012).

No livro da Catherine Legrand (2012), Índigo, ela apresenta cinco métodos de extração do pigmento que ela conheceu durante sua viagem ao Ocidente. O primeiro deles parte das plantas serem mergulhadas em água fervente ou esmagadas, o pigmento que ainda não é uma matéria que dissolve é preciso transmutar em uma substância líquida por desconstrução molecular. No banho de tinta é notado que essa substância ainda será incolor e será o oxigênio da atmosfera que lhe dará a cor índigo.

Outro método é o banho de folhas secas, mais prático e doméstico, as folhas são deixadas em infusão na água para se decompor e as bactérias se multiplicarem. Elas são as responsáveis por estimularem a produção de indoxil (líquido oleoso) por meio da hidrólise das moléculas de índigo. Depois que é retirado esse pigmento, é misturado com lixivia de cinzas para estabilizar a cor quando o tecido for tingido (LEGRAND, 2012)

A extração por maceração serve para produzir em grandes quantidades, onde as folhas são deixadas em infusão por cerca de doze horas em uma cisterna, que é como um reservatório de água. Ocorre o processo de hidrólise enzimática e as folhas se decompõem, transformando-se em indoxil. Após retirar as folhas, o líquido é transferido para uma outra cisterna e mexido com força. Aumentando a oferta de oxigênio, as moléculas indoxil se agrupam em pares e produzem a indigotina, que é como uma lama azul no fundo da cisterna. Depois essa substância é passada para o processo de filtragem, drenagem e desidratação, se tornando um pigmento índigo em blocos ou podendo ser reduzido a pó. Tem também quem busca extrair o pigmento por secagem e compostagem, onde as folhas frescas são moídas e compostadas para formar uma pasta pegajosa que é drenada e modificada em bolas (LEGRAND, 2012).

O ultimo método é chamado de cuba de índigo, onde os tintureiros utilizam uma variedade de recipientes e os enterram, pois, a terra ou areia atuam como isolante térmico mantendo a temperatura da água estável. As moléculas de índigo devem ser reduzidas quimicamente em uma solução alcalina que posteriormente levará a ser índoxil, transformando em uma substância solúvel e incolor de índigo. A água para o banho de tingimento é filtrada com cinzas de madeira e adicionado agentes redutores e bactérias. Cada tintureiro tem suas fórmulas do que prefere misturar (LEGRAND, 2012).

No período pré-industrial uma das cidades que mais fornecia tecidos tingidos de índigo é Kano, que fica localizada no norte da Nigéria. Kano ainda preserva depois de 500 anos, 150 poços de tintura, tem 4,5m de profundidade, são preenchidos com o banho de pigmento índigo. Em dias comuns só se encontra uns dez homens de meia idade e idosos trabalhando ao mesmo tempo com o tingimento, ainda à um ou outro jovem que busca aprender a técnica de tingir (GILLOW, 2001). Na imagem 1 é mostrado um homem em Kano tingindo com índigo em um poço de tintura.

> Depois de mergulhar por um tempo no banho de tinta, o pano é retirado por 30 a 45 segundos, e esse processo é repetido até que esteja no tom certo de azul. De acordo com os tintureiros de Kano, um azul claro leva uma hora e meia para ser mergulhado e arejado, azul marinho três horas,

> preto claro quatro horas, e um profundo azul escuro seis horas (GILLOW, 2001, p12).

Abeokuta é uma das cidades com maior prática de tingimento Adire no sudoeste da Nigéria. Por volta do século XIX, as mulheres já eram especialistas na tecelagem e tingimento em índigo. A princípio, a produção de Adire era com tecidos feitos à mão pelas mulheres, mas no final do século, foi introduzido o algodão importado chita e as mulheres começaram a utilizá-lo, por ser um material mais maleável que facilitava muito para a técnica Adire. Em 1930, na chegada das máquinas de costuras, os homens passaram a dominar o seu uso e se especializaram em estênceis, utilizado para a técnica eleko (OLOKO, 2021).

O Adire era um produto que movimentava muito a economia nigeriana, entretanto ele teve seus altos e baixos. As pesquisadoras Areo e Kalilu (2013), juntaram fatores sobre a produção de Adire ao passar dos anos. Em 1940 houve uma diminuída na produção por conta de ocorridos como a Segunda Guerra Mundial, devido a dificuldade de exportar tecidos e imitações impressas do tecido. Após alguns anos, em 1955, foi introduzida a lei de que crianças deveriam frequentar a escola e isso causou uma redução no ensinamento e produção de Adire nas famílias. Na mesma época a população nigeriana teve um rápido crescimento, o que levou a utilizar os pátios e oficinas de tingimento para uma outra funcionalidade mais social (AREO, KALILU, 2013).

Na década de 60, ao mesmo tempo que a elite nigeriana começou a menosprezar o Adire, expondo-o com tecido dos pobres, houve um crescimento na produção após o surgimento de corantes sintéticos. Nos anos 70, a técnica Adire entrou para o ensino das instituições nigerianas como parte de um currículo, então muitos que ficavam desempregados buscavam através do tingimento, uma forma de ganhar dinheiro (AREO, KALILU, 2013). Gillow (2001) aponta que na década de 60 e 70, o Adire reviveu, pois atendia um grande mercado de expatriados que estavam habitando na Nigéria pela crescente riqueza de petróleo.

2.1.1 Alabere

O Adire Alabere é uma técnica feita através de costura, utilizando fio de ráfia ou linha de algodão, muitas vezes combinada com a técnica de resistência amarrada

(Oniko). Tradicionalmente o Alabere era produzido apenas por mulheres. A costura é feita no tecido de um modo que se possa retirar o fio ou linha após o banho de tinta. Tintureiros mais experientes preferem o uso do fio de ráfia por proporcionar mais facilidade na hora de retirar, tendo menos chances de danificar o tecido. Na Imagem 2 a seguir, é mostrado um exemplo de Adire Alabere.

Imagem 2 – Adire alabere

Fonte: disponível em https://indigoarts.com/yoruba-adire-oniko-and-alabere-fish-bone-pattern-indigo-cloth. Acesso: dia 6 de maio 2023

2.1.2 Eleko

Esse método de tingir pode ser considerado o mais trabalhoso entre os três Adire, pois envolve mais tempo no processo. É produzido uma pasta de amido (*lafun*), que é usada para desenhar em um dos versos do tecido. Algumas pessoas ainda decoram o tecido à mão livre, outros utilizam de estênceis e espátula de metal. O Adire Eleko tradicional apresenta uma grade de quadrados com variações de desenhos em todo o tecido.

De acordo com Gillow (2001) um Adire Eleko típico da década de 1960 tinha uma parte central no tecido com vinte quadrados cercados por trinta e dois retângulos menores, todos decorados. O tecido a ser estampado é estendido em uma mesa e após o uso dos estênceis para passar o *lafun*, é deixado secar para então ir ao banho de tinta.

Após o tingimento essa pasta é raspada com cuidado para não perder o tecido. A imagem 3 e 4 mostra exemplos do tecido Adire Eleko antes do tingimento, ainda com a pasta de amido, e depois tingido.

Imagem 3 – Adire Eleko antes do tingimento.

Fonte: Retirada do livro de John Gillow (2016, p78) – African Textiles.

Imagem 4 – Adire Eleko

Fonte: disponível em https://www.slam.org/collection/objects/54258/ Acesso em: 6 de maio 2023.

2.1.3 Oniko

O primeiro exemplo de Adire provavelmente foi o Adire Oniko (OLOKO, 2021), feito com amarrações pelo tecido. Diferente do *tie dye* que também é uma técnica de tingimento com amarrações, o Adire Oniko é feito com mais precisão e definição na hora de amarrar.

Círculos concêntricos de laços são feitos criando uma forma de cone com fio de ráfia ou linha de algodão para passar ao processo de tingir. Alguns utilizam artefatos como sementes, pedrinhas, botões, entre outros, para amarrar no tecido e formar um padrão mais específico. Na imagem 5 é mostrado um tecido Adire Oniko.

Imagem 5 – Adire oniko

Fonte: disponível em https://indigoarts.com/yoruba-adire-oniko-indigo-tie-dye-cloth-3 Acesso dia 6 de maio 2023

Tem um padrão que é feito inteiro com a técnica Oniko chamado de *etu*. É um padrão de galinha d'angola, o tecido todo lembra a plumagem da ave. É um dos mais admirados pela comunidade Iorubá (GILLOW, 2001). Na imagem 6 a seguir um exemplo do tecido *etu*.

Imagem 6 - Tecido etu.

Fonte: fotografia da autora, realizada no Acervo África, em São Paulo (2023)

3 PADRÕES TRADICIONAIS NO TINGIMENTO

Tradicionalmente a sequência de padrões do Adire eram passados de mãe para filha. Tem um proverbio Iorubá que representa muito o uso do tecido Adire para seu povo: '*Aso Lanki, Ki Ató Ki Eniyan*' que significa (nós cumprimentamos o traje antes de cumprimentar seu usuário). O Adire para muitos grupos étnicos africanos serve como linguagem visual, seus significados culturais podem ser múltiplos e variar de comunidade para comunidade (OLOKO, 2021). Esse capítulo irá trazer um pouco do significado simbólico de cada padrão tradicional do Adire seguindo a visão do povo Iorubá, para que seja entendido seu valor cultural na África Ocidental.

3.1 Pontos

Mais do que um modo de preencher algum espaço no tecido, os pontos representam transcendência, renascimento, transformação de uma alma humana. (DREWAL, MASON, 1997, apud, AREO, KALILU, 2013).

Para os Iorubás não existe o acaso, pois suas crenças partem de reinos cósmicos e no além, acreditam que cada alma humana está conectada espiritualmente a ambos mundos: terra e céu, e que cada estrela no céu representa um de nós, então quando uma estrela cai acredita-se que uma alma tenha falecido

O pontilhismo é simbólico no sentido de representar ancestrais, acolher seu destino, pontos que criam brilho, transmitem bênção e transformação (AREO, KALILU, 2013).

3.2 Linhas

As linhas feitas para o tingimento têm conexão a decoração corporal Iorubá, cujas marcas lineares pelo corpo são chamadas de *ila* e servem como identificação do subgrupo étnico, linhagens ou grupo religioso. (AREO, KALILU, 2013)

Linhas cruzadas representam a encruzilhada que na simbologia, criam o ponto de encontro entre os reinos físicos e espirituais. É uma ideia reforçada pelo

fato de que uma das práticas realizadas pelo povo Iorubá até hoje, é a de trazer objetos na encruzilhada como sacrifício para agradar aos deuses (AREO, KALILU, 2013).

3.3 Figuras

As figuras variam entre animais e flora, na categoria de aviaria; o pavão indiano e o avestruz, estão associados a realeza e liderança; garça com pureza; e papagaio transmite conhecimento e riqueza. (AREO, KALILU, 2013).

O morcego é um animal muito usado em sacrifícios pelo povo Iorubá. Existe um provérbio que diz "*tia a'bar 'adan a ma fi cobe s'ebo*" ou 'Se você não conseguir um morcego pode usar o *oobe'* (espécie de morcego menor). O ditado se refere que é preciso se contentar com o que se tem, ao invés de deixar passar uma oportunidade (AREO, KALILU, 2013).

A cobra é um símbolo muito utilizado, pois, como os Iorubá acreditam em reencarnação e que seu conceito de vida é cíclico, sem a ideia de um certo começo e sem fim, é representado através da cobra enrolada que transmite o infinito (AREO, KALILU, 2013).

O caracol é um animal lento, porém, persistente ao querer subir em uma árvore. Quando usado como símbolo, reflete a característica de perseverança e persistência (AREO, KALILU, 2013).

Um provérbio que representa o uso do peixe aos Iorubá é "*Ori Teja Fi nla'bu*"ou 'É com a cabeça que o peixe nada pelas profundezas', ressaltando a ideia de descoberta ou sucesso (AREO, KALILU, 2013).

Na representação de flora é muito comum o uso de desenhos do milho guiné, folha de mandioca, folha de *akoko* e a *markhanua tomentosa*. Tudo é utilizado de certo modo no cotidiano do povo Iorubá, as folhas são dadas para cabras, ovelhas e vacas se alimentarem, e o caule é usado para produzir corante vermelho e em misturas medicinais (AREO, KALILU, 2013).

As sementes de milho guiné são usadas para fazer pasta cozida para comer e é uma alimentação básica. Isso simboliza provisão ou suprimento divino (AREO, KALILU, 2013).

A folha de *markhanua tomentosa* é muito usada em rituais de coroação por toda Yorubaland. Flores *ododo* simbolizam crianças, chamam pelo termo *"ododo eye*"ou 'O auge da glória' (AREO, KALILU, 2013).

O alfabeto também é utilizado para decorar tecidos, Tintureiros analfabetos recorrem para estênceis cortado em letras e vão usando conforme alguém vai passando por escrito para eles. É muito resgatado provérbios, orações, ou declarações para ser estampado no tecido (AREO, KALILU, 2013).

4 A PRODUÇÃO DE ADIRE ATUALMENTE

Como já foi introduzido pelo trabalho, a produção de Adire teve mudanças no seu modo de produção. Assim como Picton (2016 *apud* OLOKO, 2012) observa; a evolução do tecido Adire deve ser entendida como outra parte de um complexo processo de reinvenção cultural, por meio do qual um mundo moderno local surgiu (PICTON, 2016 *apud* OLOKO, 2012).

O Adire ainda é um tecido muito produzido e que movimenta muito a economia Nigeriana, muitas pessoas em terras Iorubá se envolvem com o Adire como um modo de renda. O tecido é vendido em grandes mercados centrais, lojas para presentes, hotéis, aeroportos, e em outras áreas sociais (BRAIDE, 2016).

Por essa grande demanda é que cada vez mais produtores decidem por seguir métodos mais rápidos para o tingimento. Um exemplo que Braide levanta é que um tintureiro que produz os tecidos utilizando estêncil e cloro para descarregar a cor no tecido, consegue produzir 30 tecidos em um dia, sendo que um Adire tradicional não poderia ser produzido em um dia usando a técnica indigena (BRAIDE, 2016).

Um outro ponto que merece ser mencionado, é sobre seu uso de tradição ao contemporâneo. Antigamente o Adire era usado apenas em ocasiões importantes como coroação, enterro, casamento, e agora o uso do Adire aparece em uma variedade de contextos sociais. Além de que, os significados dos seus padrões se perderam um pouco. Os tecidos tradicionais como mencionados durante o trabalho, trazem linhas, desenhos geometricos, figuras, que transmitem uma comunicação, uma simbologia há um provérbio em que acreditam, uma mensagem para aqueles que sabem interpretar, e atualmente essas figuras muitas vezes são diluidas, ou trazidas de maneira abstrata (BRAIDE, 2016)..

Todavia, os ensinamentos sobre o Adire são muito ditados e valorizados na África Ocidental, em especial na Nigéria, em cidades como Ibadan, Oshogbo, e em Abeokuta, que é uma cidade no sul de Lagos, que segue sendo uma das principais produtoras de Adire (BRAIDE, 2016).

Os ensinamentos são passados ainda de geração para geração, assim como foi para Nike Davies Okundaye, uma artista plástica nigeriana, que aprendeu desde muito nova com sua bisavó, a tecer tecidos em teares tradicionais e a tingir, o que mudou a vida de muitas pessoas, pois em 1983, fundou a galaria *Nike Centre for Art and Culture* em Osogbo, onde é oferecido estudo gratuito sobre várias formas de arte, principalmente o Adire, para facilitar que muitos jovens crieem essa habilidade de tingimento como forma de sustento.

Esse centro de incentivo ao tingimento começou com 20 jovens moradores de rua que não tinham para onde ir e nem o que comer, e Nike acolheu em sua residência, oferecendo comida e materiais para que pudessem aprender a melhorar de vida através da arte. Hoje existe mais três centros em Abuja, Lagos, e no Estado de Kogi.

No estado de Kogi, Nike abriu um centro onde empregou e capacitou mais de 200 mulheres no centro de tecelagem, e ela dá espaço para universitários, e pesquisadores da arte e da cultura africana tradicional do mundo inteiro que tenham interesse em entrar ao programa de treinamento industrial em design têxtil.

Exposto isso, mesmo que a sua maneira de ser produzido tenha tido variações durante os anos o Adire continua sendo um tecido que carrega grande

importãncia. Os textêis estão vinculados a todos os tipos de memórias e identidades, de gênero, etnico e político (PICTON, 2016 *apud* OLOKO, 2012).

O Adire pode ter muitas variações de como é produzido hoje, mas até mesmo em sua forma tradicional em tingimento índigo já há uma forma de cada tintureiro tingir e chegar ao tom de azul desejado. Acontece que seu design criativo que o tornam um objeto de comunicação que atrai as pessoas, portando sua produção continua em alta, recebendo sempre um novo olhar, pode não ser na forma tradicional, mas sua relevância cultural ainda prevalece.

5 DESIGNERS DE MODA CONTEMPORÂNEA

5.1 Adeju Thompson

Thompson é criador do *Lagos Space Programme* (Programa Espacial de Lagos), é uma linha de vestuário que trabalha a moda agênero criada em 2018. Em 2022 em conexão com o tintureiro Iya Alaro, ele criou a coleção *'Post Adire'*, que foi um projeto de investigação contínua de contar histórias por meio de técnicas tradicionais usando tingimento Adire com o pigmento índigo natural (CHECINSKA, 2022).

O que chamou a atenção do designer para trabalhar com a técnica foi justamente isso, a questão cultural de vestir histórias no corpo. Mas, seu objetivo foi explorar essa tradição trazendo para o contemporâneo, então ele trabalhou o Adire em outros contextos utilizando malha como um de seus materiais têxteis.

5.2 Rukky Ladoja

Rukky fundou a marca *Dye Lab*, que é uma marca que trabalha com pequenos lotes mas que tem o intuito de explorar técnicas de tingimento indígena. São peças únicas que são elaboradas com Adire e Asooke (tecido indígena do sudoeste da Nigeria) estendendo a preservação cultural. Em fevereiro de 2023 ela apresentou no perfil do instagram da marca 7 estampas de herança intemporais

datadas dos anos 1600 aos anos 2000, tingidas à mão nos poços de tingimento em Kano. Rukky trás técnicas tradicionais africanas mas para o contemporâneo, trazendo suas criações de uma forma mais divertida utilizando cores mais contrastantes. Na imagem 8 é apresentado uma fotografia da sua coleção de vestidos Kaftan de 2023.

5.3 Éki Kéré

A Éki Kéré é uma designer que fundou a marca que leva seu nome, na qual ela trabalha trazendo tradições africanas e artesanato, mas criando para o contemporâneo. Sua marca trás muito o tingimento Adire, e na coleção apresentada na fashion week de Lagos de 2022, ela trabalhou ele de diversas modelagens diferenciadas, cores, e ráfia como um dos seus elementos de estilo.

6 DESENVOLVIMENTO DA COLEÇÃO

6.1 Público Alvo

As peças são voltadas para o público de núcleo geracional Unique Sons, homens e mulheres de 20 a 35 anos segundo Francesco Morace; são apreciadores da cultura e do conhecimento, portanto mais intelectuais gostam de se destacar por meio de produtos e experiências únicas. Na imagem 6 é mostrado um painel representativo sobre o público alvo.

Imagem 6 – Painel de Público Alvo

Fonte: Autora, 2023.

6.2 A marca

O nome escolhido para a marca foi *Nisi*, que vem da palavra grega *Kinisi* que significa movimento, referente a ideia de mover o corpo para viver. A marca busca trabalhar com peças que transmitam liberdade para vivenciar momentos diversos com conforto e incentivando o modo de cada um se expressar, explorando o trabalho manual e a moda agênero como segmento de mercado.

Nas imagens 7 e 8 a seguir, o logo da marca e a idealização das embalagens e papelaria.

Imagem 7 – Logo da Marca

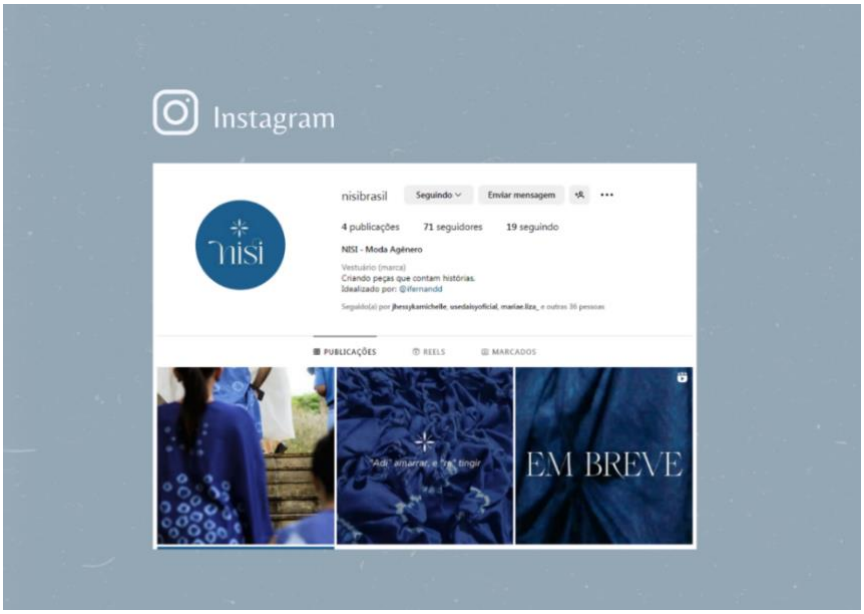
Fonte: Criado em conjunto pela autora e designer gráfica Raissa Evange

Imagem 8 – Embalagem e Papelaria

Fonte: Autora, 2023.

A marca irá criar conexão com os seus consumidores através do instagram, portando foi desenvolvido um perfil e um painel de influencers que seriam importantes para a divulgação do lançamento da marca. A seguinte imagem mostra o perfil e a imagem 10 apresenta os influencers que conversam e criam identificação ao público alvo da Nisi.

Imagem 9 – Perfil do Instagram



Fonte: Disponível em https://www.instagram.com/nisibrasil/?hl=am-et Acesso dia 27 de novembro de 2023.

Imagem 10 – Painel de influenciadores

Fonte: Autora, 2023

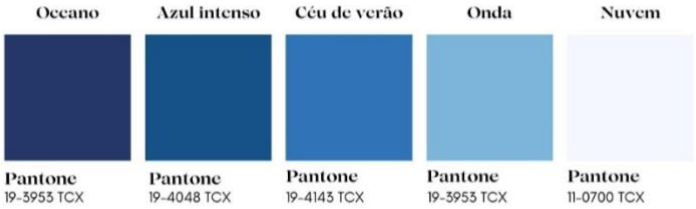
6.3 Painel de Inspiração e Paleta de Cores

Para a elaboração do painel de inspiração foi usado além do tecido Adire, esculturas que remetessem as modelagens que seriam trabalhadas por toda a coleção, o que resultou em assimetria, peças mais alongadas e ombros mais marcados. Na imagem 11 o painel utilizado para o trabalho e imagem 12 a paleta de cores da coleção.

Imagem 11 – Painel de Inspiração

Fonte: Montado pela autora, 2023. Esculturas utilizadas no painel disponivel em https://pin.it/5EJhvRB

Imagem 12 – Paleta de cores



Fonte: Autora, 2023

6.4 Painel de tendências

Imagem 13 apresenta as tendências de primavera/verão que foram incluidas durante o desenvolvimento da coleção.

Imagem 13 – Painel de Tendências

Fonte: Autora, 2023

6.5 Matérias Primas, Cartela de Aviamentos e Cartela de superfície

Para a confecção dos looks o material têxtil utilizado foi a fibra de algodão, que esteve presente em todas as peças. Cambraia, percal, sarja, brim e tricoline foram suficientes para conseguir entregar peças de primavera/verão, mesclando entre looks mais fluidos com looks mais estruturados. Imagem 14, 15 e 16 mostra os materiais utilizados e a técnica usada do Adire.

Imagem 14 – Cartela de Matérias Primas

Fonte: Autora, 2023

Imagem 15 – Cartela de Aviamentos

Fonte: Autora, 2023

imagem 16 – Cartela de Superfícies

2023 ,Autora :Fonte

6.6 Mix de produtos

Nas imagens a seguir está presente o mix de produtos da coleção e a sua precificação levando em consideração os matérias utilizados para cada peça e a mão de obra.

Imagem 17 – Mix de Produtos

Mix de produtos	Básico	Fashion	Vanguarda	TOTAL
Tops	5	3	3	11
Botons	6	3	2	11
Unique	2	4	3	9
TOTAL	13	10	8	31

2023 ,Autora :Fonte

Imagem 18 - Precificação

Colete Alabere 1	R$306,60	Shorts Saia Alabere 7	R$376,00	Capa Eleko 3	R$331,00
Calça Alabere 1	R$345,00	Blusa Alabere 8	R$270,80	Saia Eleko 3	R$382,00
Vestido Alabere 2	R$423,60	Calça Alabere 8	R$238,00	Chemise Eleko 4	R$452,00
Blusa Alabere 3	R$333,00	Vestido Oniko 1	R$436,00	Colete Eleko 5	R$305,00
Calça Alabere 3	R$379,20	Vestido Oniko 2	R$483,00	Bermuda Eleko 5	R$297,80
Camisa Alabere 4	R$298,80	Vestido Oniko 3	R$726,00	Blusa Eleko 6	R$349,00
Bermuda Alabere 4	R$417,80	Colete Oniko 4	R$256,80	Saia Eleko 6	R$314,00
Vestido Alabere 5	R$411,00	Colete Oniko 5	R$352,90	Blazer Eleko 7	R$477,00
Blusa Alabere 6	R$331,00	Calça Oniko 5	R$422,90	Calça Eleko 7	R$516,20
Saia Alabere 6	R$322,00	Macacão Eleko 1	R$398,00		
Blusa Alabere 7	R$294,00	Macacão Eleko 2	R$351,60		

Fonte: Autora, 2023

6.7 Coleção

Imagem 19 – Alabere 1

Fonte: Autora, 2023

Imagem 20 – Alabere 2

Fonte: Autora, 2023

Imagem 21 – Alabere 3

Fonte: Autora, 2023

Imagem 22 – Alabere 4

Fonte: Autora, 2023

Imagem 23 – Alabere 5

Fonte: Autora, 2023

Imagem 24 – Alabere 6

Fonte: Autora, 2023

Imagem 25 – Alabare 7

Fonte: Autora, 2023

Imagem 26 – Alabere 8

Fonte: Autora, 2023

Imagem 27 – Oniko 1

Fonte: Autora, 2023

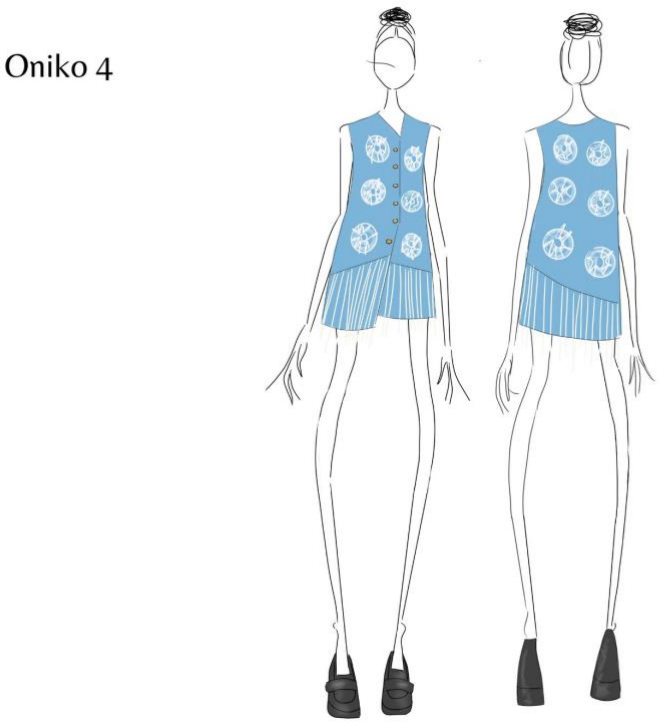
Imagem 28 – Oniko 2

Fonte: Autora, 2023

Imagem 29 – Oniko 3

Fonte: Autora, 2023

Imagem 30 – Oniko 4

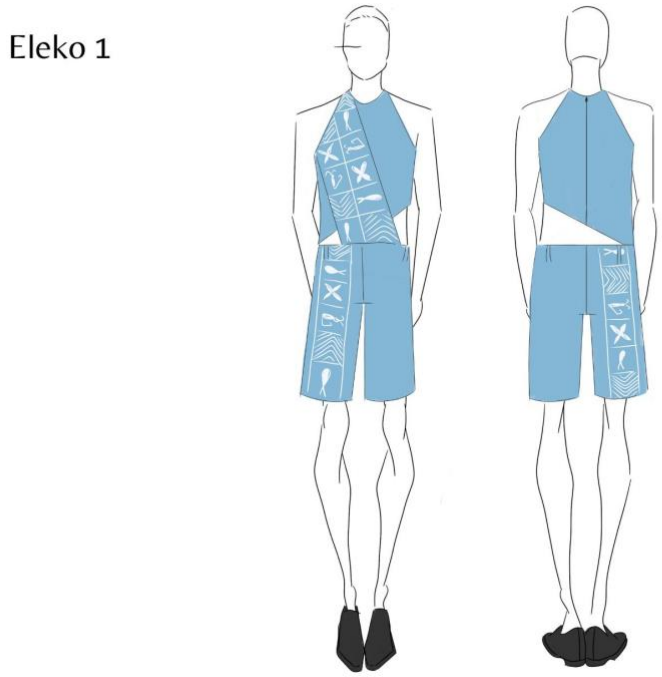


Fonte: Autora, 2023

Imagem 31 – Oniko 5

Fonte: Autora, 2023

Imagem 32 – Eleko 1



Fonte: Autora, 2023

Imagem 33 – Eleko 2

Fonte: Autora, 2023

Imagem 34 – Eleko 3

Fonte: Autora, 2023

Imagem 35 – Eleko 4

Fonte: Autora, 2023

Imagem 36 – Eleko 5

Fonte: Autora, 2023

Imagem 37 – Eleko 6

Fonte: Autora, 2023

Imagem 38 – Eleko 7

Fonte:

Fonte: Autora, 2023

Imagem 39 – Plano Geral da Coleção

Fonte: Autora, 2023

6.8 Lookbook

Looks confeccionados da coleção:

Imagem 40 – Fotos look 1

Fonte: Produção autora, fotografia por Gabriely Almeida

Imagem 41 – Fotos look 2

Fonte: Produção autora, fotografia por Gabriely Almeida

Imagem 42 – Fotos look 3

Fonte: Produção autora, fotografia por Gabriely Almeida

Imagem 43 – Fotos look 4

Fonte: Produção autora, fotografia por Gabriely Almeida

Imagem 44 – Fotos look 5

Fonte: Produção autora, fotografia por Gabriely Almeida

6.9 Editorial

Imagem 45 – Look 1 editorial

Fonte: Produção e fotografia pela autora

Imagem 46 – Look 2 editorial

Fonte: Produção e fotografia pela autora

Imagem 47 – Look 3 editorial

Fonte: Produção e fotografia pela autora

Imagem 48 – Look 4 editorial

Fonte: Produção e fotografia pela autora

Imagem 49 – Look 5 editorial

Fonte: Produção e fotografia pela autora

6.10 Painel de Beleza e Acessórios

Nos paineis seguintes é mostrado propostas para beleza e acessórios para o desfile de lançamento da coleção.

Imagem 50 – Painel de Beleza

Fonte: Autora, 2023

Imagem 51 – Painel de Acessório

Fonte: Autora, 2023

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHECINSKA, Christine (org.). **Africa Fashion**. Londres: V&A Publishing, 2022.

GILLOW, John. **African Textiles**: color and creativity across a continent. Londres: Thames & Hudson, 2016.

GILLOW, John. **Printed and dyed textiles from Africa**. Londres: The British Museum Press, 2001.

LEGRAND, Catherine. Gara: Africa. p. 2018-257. In: **Indigo**: the colour that changed the world. Londres: Thames & Hudson, 2012.

OLOKO, Patrick (org.). **Peju Layiwola`s Indigo reimagined**: rethink àdìrẹ in Yorùbá fashion and textile modernity. Lagos: Institute of African and Diaspora Studies – University of Lagos, 2021.

KRIGER, Collen E. **Cloth in west African history**. Reino Unido: AltaMira Press, 2006.

MORACE, Francesco. Consumo autoral: as gerações como empresas criativas. 2 ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.

Webgrafia

AREO, Margaret; KALILU, Razaq. **Origin of and Visual Semiotics in Yoruba Textile of Adire.** 2013. 12 v. Department of Fine and Applied Arts Ladoke Akintola University of Technology, Oyo State Nigéria. Disponível em https://core.ac.uk/reader/234685840

BRAIDE, O. **Stylistic Features of Contemporany Adire in Nigerian Textile Practice**. 2016. Department of Home Science and Management, College of Food Science and Human Ecology, Federal University of Agriculture, Abeokuta. Disponível em: https://www.journal.unaab.edu.ng/index.php/JHSSCA/article/view/1698

NGUBANE, Sandiso. Nigeria' **Lagos space programme is creating new African narratives using historical crafts and artifacts**. Industrie Africa, 2023. Disponível em: https://industrieafrica.com/blogs/imprint/imprint-in-the-spotlight-lagos-space-programme-historical-crafts-artefacts-luxury-fashion